



Vanderlei Antonio de Araujo

11:02 (há 9 horas)

para mim

Só Fumaça

Para fazer um curso em Belo Horizonte, fiquei hospedado num hotel na Avenida Afonso Pena num apartamento do vigésimo quinto andar. Uma tarde, logo após o almoço resolvi tirar um cochilo enquanto esperava a hora de retornar ao curso. Minutos depois, minha atenção foi despertada por ruídos de passos apressados no corredor. Passos nervosos, descendo rapidamente, as escadas. A primeira impressão era que os hóspedes estavam fugindo do hotel. Em seguida, ouvi o barulho de uma sirene chegando. Fui até a janela e vi o carro do corpo de bombeiros estacionando em frente ao hotel. Havia muita fumaça lá em baixo e também uma multidão de curiosos em frente ao prédio, gritando e acenando para os hóspedes que apareciam nas janelas. Fiquei apavorado. Veio-me à mente as imagens que tinha visto na televisão de prédios pegando fogo, em São Paulo. Desconfiado de que algo estava acontecendo no hotel, abri a porta do apartamento. Neste exato momento, um rapaz passou por mim, indo na direção da escada e gritou:

- Corra! Corra campeão que o hotel está pegando fogo.

E sumiu no vão da escada. Rapidamente, o segui. Entrei no meio de uma massa humana desesperada e angustiada que descia aceleradamente a escada. As portas se abriam e mais gente nos acompanhava escada abaixo. Os passos ficavam cada vez mais lentos e mais pesados, devido ao grande número de pessoas que ao mesmo tempo descia as escadas numa corrida maluca. A luz foi desligada. Com o poço as escuras, as pessoas com dificuldade de andar começaram a gritar, rezar. Homens, mulheres e crianças, todos ansiosos para chegarem à rua, antes que o fogo transformasse tudo em cinzas inclusive nós. A multidão, levada pelo medo, descia as escadas como louca, empurrando, espremendo-se. Entretanto, algumas pessoas, se esforçavam em pedir calma. Com os mesmos gestos desesperados de quem se sentia perdido, outras berravam o tempo todo: "Depressa! Não havia como fugir do fogo a não ser pela escada. Eu escutava os gritos e apressava o meu passo, embora o deslocamento fosse cada vez mais difícil, pois à medida que íamos descendo mais gente se juntava a nós, atrasando nossa descida. O coração prestes a sair pela boca, o suor a escorrer frio pelo rosto, as pernas bambas a curvarem-se. A fumaça nos alcançando enchendo nossas narinas, e se espalhando pela escada, nos apavorando. O cheiro de queimado ficava progressivamente mais forte, enquanto descíamos. Algumas pessoas começaram a tossir e a chorar. E as vozes multiplicavam-se. Pedindo calma. A situação era cada vez mais

insuportável. E eu correndo sem poder correr, descendo as escadas sem poder descer, apavorado, tentando dizer as minhas próprias pernas o que fazer, apressando-as, quase caindo, respirando mal, a garganta seca, testa encharcada. Só mais um pouco, pensava. Finalmente, chegamos ao andar térreo. Estávamos salvos. Não sei quanto tempo durou. Dois, três, cinco minutos, talvez..., mas foi uma eternidade. A gritaria parou. Os joelhos se curvaram, os pés doídos, as pernas bambas, e os braços, os braços jogados, largados. Então, me dei conta de que a corrida havia terminado. Cansado me sentei na calçada. O fôlego voltou. O coração que saía pela boca, ia se normalizando e voltou ao seu lugar. Foi muita sorte sair com vida daquela corrida maluca, pensei. Na frente do hotel, surpresos, reinava uma tranquilidade absoluta. Ainda havia muitas pessoas. O corpo de bombeiros acabava de se retirar. O gerente do hotel explicava aos hóspedes que chegavam apavorados: - “Não foi nada! Houve apenas uma explosão na caldeira do restaurante. Não tinha fogo, só fumaça”